

6

A CLÍNICA AMPLIADA NO
CUIDADO DA SAÚDE MENTAL
DE MULHERES: A VIOLÊNCIA
PSICOLÓGICA E SEUS EFEITOS▶ **Nataliane Davila Dutra**

Bacharelanda em Psicologia, Centro Universitário UNIFACIG, Manhuaçu-MG;
natalianedutra996@gmail.com

▶ **Rangel Luiz Portes Estanislau**

Bacharelando em Psicologia, Centro Universitário UNIFACIG, Manhuaçu-MG;
rangl.luiz@gmail.com

▶ **Rhanea Lidea de Oliveira**

Bacharelanda em Psicologia, Centro Universitário UNIFACIG, Manhuaçu-MG;
rhanealudea@gmail.com

▶ **Samara Maria Ferreira Bhaia**

Bacharelanda em Psicologia, Centro Universitário UNIFACIG, Manhuaçu-MG;
Samarambf29@gmail.com

▶ **Étore Gomes Mazini**

Mestre em Psicologia, Docente no Centro Universitário UNIFACIG, Manhuaçu-MG;
etore.gomes@sempre.unifacig.edu.br

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma pesquisa sobre o quadro atual de violência doméstica em nosso país. Nesse contexto, este artigo aborda como esse tipo de comportamento pode levar ao desenvolvimento de quadros de sofrimento psíquico, como ansiedade e depressão, em mulheres vítimas de violência, que muitas vezes se sentem sozinhas e desamparadas. Muitas dessas mulheres não recebem o apoio e os cuidados necessários para superar os possíveis traumas ocasionados por longos períodos de violência. Após coletar as informações de uma entrevista com psicólogas, concluiu-se que a violência psicológica contra a mulher produz efeitos devastadores sobre a subjetividade, marcando a mulher e trazendo danos emocionais significativos.

Tendo em vista esse processo, a clínica ampliada apresenta-se como uma estratégia relevante, capaz de oferecer suporte às necessidades dessas mulheres.

Palavras-chave: clínica ampliada; mulher; saúde mental; violência psicológica;

6

THE EXPANDED CLINIC IN WOMEN'S MENTAL HEALTH CARE: PSYCHOLOGICAL VIOLENCE AND ITS EFFECTS

ABSTRACT

This paper aims to present research on the current state of domestic violence in our country. The article discusses how such behaviors can lead to the development of psychological distress, including anxiety and depression, in women who are victims of violence and often feel isolated and unsupported. Many of these women do not receive the necessary care and specialized support to overcome the trauma caused by prolonged periods of abuse. Based on interviews with psychologists, the study concludes that psychological violence against women has devastating effects on their sense of self, leading to significant emotional harm. In this context, the extended clinical approach emerges as a crucial strategy to provide these women with the support they need to address their specific challenges.

Keywords: expanded clinic; Woman; mental health; psychological violence.

1 INTRODUÇÃO

O quadro atual de violência doméstica em nosso país, segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2023), registrou 245.713 agressões ocorridas no ambiente doméstico. Esses dados decorrem de boletins de ocorrência policial no ano de 2022. Por dia, 673 mulheres fizeram algum tipo de denúncia sobre episódios de violência doméstica, representando um crescimento de 2,9% nos registros em relação ao ano anterior. Todos os dias, mulheres sofrem algum tipo de violência por parte de seus companheiros, na sociedade ou no trabalho. Este estudo pretende abordar esse complexo tema da violência psicológica sofrida por mulheres, a partir da perspectiva da clínica ampliada.

Em nossa sociedade, há uma constante objetificação da mulher, e sua fala é frequentemente desconsiderada quando procura ajuda em postos de amparo (Pedrosa; Spink, 2011). A falta de profissionais qualificados, especialmente na área da saúde, evidencia um pensamento retórico e enraizado de que violência doméstica se restringe à agressão física, conforme o ditado popular “em briga de marido e mulher não se mete a colher” (Santos et al., 2018).

As mulheres vítimas de violência muitas vezes se sentem sozinhas e sem o devido apoio e cuidados necessários para superar os traumas, frequentemente ocasionados por anos de violência. Nesse contexto, este artigo aborda as situações vividas por essas mulheres, os efeitos subjetivos da violência e o suporte que pode ser oferecido no âmbito das políticas públicas de saúde.

As mulheres que passam por esse tipo de problema podem não perceber ou reconhecer que estão vivenciando uma forma de agressão silenciosa. Em alguns casos, não há maus-tratos ou violência física, mas um cotidiano de humilhações que causa instabilidades emocionais, baixa autoestima e ameaças envolvendo filhos e familiares.

O aumento da violência psicológica contra mulheres tem se tornado uma preocupação recorrente nos últimos anos. Entender esses agravamentos e seus efeitos emocionais na vida das vítimas é essencial. Além disso, é necessário destacar a importância do apoio profissional especializado que essas mulheres demandam. A falta de conhecimento sobre o que caracteriza a violência psicológica e seus impactos é preocupante, pois muitas pessoas a praticam sem saber, seja por palavras, ações ou brincadeiras consideradas “inocentes” por aqueles que desconhecem a gravidade dessa forma de abuso.

A violência psicológica consiste em opressões e abusos mentais, sejam físicos ou morais, podendo ser praticada e vivenciada por qualquer pessoa. Por exemplo, pode estar presente em relacionamentos marcados por ciúmes excessivos (Schraiber et al., 2003).

Consequentemente, isso gera opressões na autoestima, mudanças no comportamento, repressão de memórias e lembranças que levam à raiva, medo e traumas associados à situação vivida. Essas consequências impactam a convivência com outras pessoas, ao manter as vítimas constantemente relembando os eventos traumáticos (Silva; Coelho; Caponi, 2007).

Se não tratada, a violência psicológica contra a mulher pode produzir diversos efeitos negativos na subjetividade e no psiquismo, incluindo quadros graves de transtornos psíquicos e, em alguns casos, comportamentos ou tentativas de suicídio. O tratamento deve proporcionar um espaço onde a vítima se sinta à vontade para relatar suas experiências (Siqueira; Rocha, 2019).

No contexto do abuso psicológico, há a figura do abusador persuasivo, que manipula o aspecto emocional de suas vítimas. Esse abuso é marcado por características como tentativas de intimidar a vítima por palavras ou ações não físicas que a tornam vulnerável. Isso ocorre em situações onde o abusador busca exercer controle e demonstrar superioridade (Vasconcelos; Holanda; Albuquerque, 2016).

O abuso psicológico é tão nocivo quanto outros tipos de abuso, causando impactos significativos nas vítimas, como crises de ansiedade, retraimento social e baixa autoestima, que podem

evoluir para depressão (Siqueira; Rocha, 2019). Procurar ajuda psicológica e apoio de familiares e amigos é essencial para que a vítima consiga sair do relacionamento abusivo e romper laços com o abusador. Assim como no caso de doenças, quanto mais cedo se identifica o problema, mais rápido pode ser o tratamento. No abuso psicológico, quanto mais rápido a vítima compreende sua condição, mais chances ela terá de superar essa perversidade (Pimentel, 2021).

Este artigo busca contribuir para desmistificar esses paradigmas e desobjetificar a mulher, propondo uma perspectiva voltada para a clínica ampliada. Essa abordagem é apresentada como uma alternativa para que esse tipo de problema seja alvo de ações de conscientização e apoio às vítimas, muitas das quais estão desamparadas pela lei e pelas políticas de segurança. Promover assistência pública no âmbito da saúde mental é crucial.

A clínica ampliada é uma proposta clínica interdisciplinar que vai além do tratamento tradicional de doenças, considerando a pessoa em sua integralidade e singularidade. Nesse sentido, torna-se uma alternativa valiosa para abordar questões como a objetificação da mulher (Freitas; Silva, 2019).

É necessário sensibilizar para a importância de considerar não apenas os aspectos físicos e médicos, mas também os fatores psicológicos, sociais e culturais que influenciam a experiência das mulheres (Moreira, 2007).

Ao destacar a relevância da clínica ampliada, que considera não apenas a doença, mas também os aspectos sociais, emocionais, culturais e ambientais do paciente, essa abordagem proporciona um cuidado mais completo e integral. Ela coloca o sujeito no centro, como protagonista do tratamento, permitindo uma compreensão mais ampla do paciente, essencial para um tratamento eficaz (Dettmann; Aragão; Margotto, 2016).

Essa perspectiva não foca apenas no tratamento de doenças, mas também na prevenção. Ao compreender o contexto de vida do paciente, é possível identificar fatores de risco e promover hábitos saudáveis, prevenindo doenças. A clínica ampliada envolve uma equipe multidisciplinar (médicos, psicólogos, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais, entre outros), cuja abordagem colaborativa permite oferecer diferentes soluções para as necessidades dos pacientes (Azanki et al., 2021).

Ao valorizar a escuta ativa, o diálogo e a compreensão das necessidades individuais, essa abordagem fortalece a relação entre o profissional de saúde e o paciente, aumentando a adesão ao tratamento e melhorando os resultados (Estellita-Lins; Oliveira; Coutinho, 2009). Considerando os aspectos sociais e econômicos dos pacientes, a clínica ampliada auxilia na identificação de recursos e serviços disponíveis na comunidade, facilitando o acesso a suporte externo, como assistência social, programas de suporte psicológico ou grupos de apoio.

2 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada na perspectiva qualitativa, por meio de entrevistas com profissionais de psicologia de Centros de Referência em Assistência Social (CRAS) e Centros de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS). Segundo Gil (2002), as pesquisas desse tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de uma determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre as variáveis. A abordagem qualitativa apresenta as relações entre o mundo real e o sujeito, destacando a conexão íntima entre o objetivo e a subjetividade do indivíduo, algo que não pode ser quantificado em números. Ressalta-se que, na pesquisa qualitativa, a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são essenciais, sem a necessidade de utilizar métodos estatísticos. Nesse tipo de pesquisa, os dados foram coletados no ambiente natural, e o pesquisador atuou como o principal instrumento. Trata-se de uma abordagem descritiva, na qual os dados foram analisados indutivamente, focando no processo e em seu significado como pontos centrais da pesquisa (Da Silva et al., 2005).

Para viabilizar esta pesquisa, tendo em vista que falar diretamente sobre o tema com mulheres vítimas de violência psicológica poderia ser constrangedor e inviável pelo difícil acesso a essas mulheres, optou-se por uma abordagem com psicólogas das instituições públicas CRAS e CREAS, considerando o foco do trabalho e o fácil acesso a essas profissionais, que, em seu cotidiano, lidam com tais demandas. Essas psicólogas atuam em instituições localizadas em um município da Zona da Mata Mineira. O instrumento de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, composta por sete perguntas iniciais que deram margem para as psicólogas desenvolverem suas respostas. Após o contato inicial com as profissionais, foi-lhes apresentada a intenção do estudo e assegurado o sigilo de suas identidades. O público-alvo final deste artigo são mulheres que buscam as instituições públicas como rede de apoio contra a violência sofrida em seu ambiente familiar.

3 ANÁLISE DE DISCUSSÃO DE DADOS

Partindo dos dados coletados com as duas psicólogas, de forma geral, tem-se a significação da Clínica Ampliada, onde o atendimento às mulheres que sofrem e/ou sofreram violência doméstica é uma atitude de apoio, oportunizando o suporte integral e humanizado às vítimas. Ao analisar os discursos das duas profissionais, pode-se identificar algumas convergências e especificidades no atendimento, tendo como bases teóricas as temáticas que envolvem a saúde mental e a violência contra a mulher.

Na entrevista realizada com a psicóloga do CRAS, esta demonstra que o foco do atendimento está na proteção básica e na prevenção de violações de direitos. A profissional destaca que o papel do CRAS é preventivo, com o objetivo de empoderar as usuárias para evitar situações de violência. Quando a violência já ocorreu, o CRAS busca encaminhar as mulheres para uma rede de serviços, incluindo saúde mental e assistência psicológica. Essa abordagem é corroborada pela literatura científica, que enfatiza o papel dos serviços de assistência social na identificação precoce e no

encaminhamento adequado das vítimas de violência doméstica, garantindo um suporte integrado (Oliveira et al., 2020).

A psicóloga do CRAS, em sua fala, destaca a importância de um atendimento humanizado e sigiloso, construindo um vínculo com as mulheres para que elas se sintam seguras ao compartilhar suas experiências. Esse cuidado está alinhado com o conceito de Clínica Ampliada, onde o foco é o acolhimento e a autonomia do indivíduo, promovendo um ambiente no qual as mulheres possam reconstruir sua autoestima e retomar o controle de suas vidas (Garcia et al., 2018). O relato da psicóloga também evidencia a importância de integrar diversos setores, como saúde mental e mercado de trabalho, para uma reinserção social eficaz. Deslandes (2018) reforça que essa abordagem multidisciplinar é crucial no tratamento de mulheres vítimas de violência, promovendo resiliência e enfrentamento do trauma.

A psicóloga do CREAS oferece uma análise mais profunda sobre os efeitos psicológicos devastadores da violência doméstica, com destaque para a violência psicológica, que pode causar um impacto prolongado na autoestima e na qualidade de vida das mulheres. Segundo a psicóloga, a Clínica Ampliada oferece uma abordagem centrada no aumento da autonomia e no fortalecimento da mulher, permitindo que ela se reconstrua, apesar dos traumas vividos. Na perspectiva de Diniz e Corrêa (2019), a violência psicológica pode ser tão ou mais prejudicial do que a física, impactando a saúde mental de forma crônica, e a intervenção psicológica deve trabalhar o fortalecimento da identidade e da autonomia da mulher.

Outro ponto destacado pela psicóloga do CREAS é a dificuldade que algumas mulheres possuem em identificar a violência que sofrem, especialmente porque, segundo a psicóloga, muitas vezes a situação de violência é normalizada ou justificada dentro de relacionamentos abusivos. Esse aspecto é reforçado por pesquisas que apontam que a conscientização sobre o que constitui violência psicológica é um passo essencial para que as mulheres busquem ajuda (Meneghel et al., 2019). Além disso, conforme apontado por Araújo e Lara (2021), o relato de resistências por parte das mulheres em aderir ao tratamento psicológico é um desafio comum, e a busca ativa, citada pela psicóloga, é uma prática recomendada para garantir a continuidade do cuidado.

Neste contexto, a Clínica Ampliada não apenas acolhe as vítimas, mas também oferece um espaço de construção de resiliência, permitindo que essas mulheres se fortaleçam para enfrentar o ciclo da violência. Essa perspectiva está alinhada com os princípios da Política Nacional de Humanização, que promove o cuidado integral, considerando a complexidade das situações vividas por essas mulheres e o impacto da violência em diversas esferas de suas vidas (Brasil, 2017).

Ambas as psicólogas salientam a importância da Clínica Ampliada no atendimento a mulheres que sofreram e/ou sofrem violência doméstica, destacando a necessidade de um cuidado humanizado, sigiloso e com foco na autonomia dessas mulheres. Ressaltam, principalmente, a importância da integração entre os serviços de saúde mental e assistência social, apontando que é extremamente necessário promover o bem-estar e a reinserção social dessas mulheres.

4 CONCLUSÃO

Muitos casos de violência contra mulheres ocorrem em relacionamentos longos, como casamentos ou namoros de longa duração, nos quais o agressor frequentemente é o parceiro íntimo. Esse aspecto complexo dos relacionamentos dificulta para as vítimas reconhecerem o parceiro como agressor, devido ao forte vínculo emocional envolvido. Muitas vezes, as mulheres resistem a enxergar seus parceiros amorosos como agressores, o que pode dificultar a busca por ajuda ou a ruptura desse ciclo de violência.

É preocupante notar que, mesmo diante dessas situações dolorosas, muitas mulheres enfrentam uma carência de apoio especializado por diversos motivos, como dificuldade de acesso aos meios de apoio, dificuldade em romper o silêncio e buscar ajuda, além das angústias vivenciadas, que podem dificultar o enfrentamento desse contexto de violência. A falta de profissionais capacitados para lidar com a violência psicológica e suas consequências específicas torna mais difícil para essas mulheres encontrarem o suporte necessário para superar seus traumas e recuperar sua autonomia emocional.

A percepção de que as mulheres são indivíduos frágeis, incapazes de lidar com situações de violência, é um estigma que precisa ser superado e desconstruído em nossa sociedade. É crucial oferecer recursos e suporte específicos para ajudar essas mulheres a reconstruírem suas vidas, fortalecerem sua autoestima e recuperarem seu bem-estar emocional após vivenciarem situações de abuso. Nesse cenário, a perspectiva da Clínica Ampliada, que trabalha a autonomia do sujeito no processo de tratamento, configura-se como um caminho de suporte especializado e interdisciplinar. Essa abordagem pode oferecer cuidado às mulheres, no sentido de desenvolver sua autoestima e retomar o protagonismo sobre suas vidas, transformando o cenário de violência sofrida em acolhimento, escuta e produção de subjetividades livres do abuso, da violência e de seus diversos efeitos psíquicos, físicos e sociais.

Além disso, é fundamental promover uma conscientização social mais ampla sobre a violência psicológica e suas ramificações, capacitando profissionais de diversas áreas para lidar adequadamente com esse tipo de violência e oferecer o apoio necessário às vítimas. Isso não apenas ajudará na prevenção, mas também na efetiva proteção e recuperação das mulheres que sofrem com essa forma de violência. O fortalecimento da rede de apoio e a busca ativa para garantir a continuidade do tratamento são essenciais para o sucesso do cuidado.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, C.; LARA, J. Desafios no atendimento a mulheres vítimas de violência doméstica: a clínica ampliada em foco. **Revista Brasileira de Psicologia**, 12(3), 45-60, 2021.
- AZANKI, H. C. T. P. *et al.* Educação permanente e clínica ampliada: um novo paradigma de cuidado. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 1, p. 4624-4629, 2021. Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/23051>>. Acesso em 15 set. 2023.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Política nacional de humanização: clínica ampliada, equipe de referência e projeto terapêutico singular**. Brasília: MS, 2017.
- DA SILVA, E. L.; MENEZES, E. M.. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. rev. atual. – Florianópolis: UFSC, 2005.
- DESLANDES, S. Violência de gênero e saúde mental: implicações para a clínica ampliada. **Saúde e Sociedade**, 27(1), 23-35, 2018.
- DETTMANN, A. P. S.; ARAGÃO, E. M. A.; MARGOTTO, L. R. Uma perspectiva da Clínica Ampliada: as práticas da Psicologia na Assistência Social. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 28, p. 362-369, 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/fractal/a/gjGLDdHwpPKCJCTtX5HfrFy/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 20 set. 2023.
- DINIZ, R.; CORRÊA, M. O impacto da violência psicológica na saúde mental das mulheres: uma revisão sistemática. **Revista de Saúde Pública**, 53(4), 12-22, 2019.
- ESTELLITA-LINS, C.; OLIVEIRA, V. M.; COUTINHO, M. F. Clínica ampliada em saúde mental: cuidar e suposição de saber no acompanhamento terapêutico. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, p. 195-204, 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/z3tk3FJJHyBndMchNTpg3DD/abstract/?lang=pt>>. Acesso em 30 set. 2023.
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública**. Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2023. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023.
- FREITAS, C. G.; SILVA, R. B. A violência contra mulher e a psicologia diante dessa realidade na perspectiva da atenção básica. **Revista Mosaico**, v. 10, n. 1, 2019. Disponível em: <<https://editora.univassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/1778>>. Acesso em 10 out. 2023.
- GARCIA, L.; GOULART, S. Autonomia e Humanização no Atendimento de Mulheres em Situação de Violência: A Clínica Ampliada em Debate. **Cadernos de Saúde Pública**, 34(5), 25-39, 2018.
- GIL, A. C. **Como Elaborar Projeto de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- MENEGHEL, S., PORTELLA, A. Violência psicológica contra a mulher: desafios e perspectivas no atendimento. **Revista Estudos Feministas**, 27(2), 235-250, 2019.
- MOREIRA, M. C. N. A construção da clínica ampliada na atenção básica. **Cadernos de Saúde Pública**. Jul 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csp/a/QvSCBzMxJmvN9B3vPt4XQyw/>>. Acesso em 15 out. 2023.
- OLIVEIRA, M.; MORAIS, J. A Rede de Atendimento à Mulher Vítima de Violência e o Papel do CRAS. **Revista de Assistência Social**, 10(2), 31-44, 2020.

PEDROSA, C. M.; SPINK, M. J. P. A violência contra mulher no cotidiano dos serviços de saúde: desafios para a formação médica. **Saúde e Sociedade**, v. 20, n. 1, p. 124-135, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/HH7V7gvC4kY9b4gmFBnPrmr/abstract/?lang=pt>>. Acesso em 01 set. 2023.

PIMENTEL, A. **Violência psicológica nas relações conjugais: pesquisa e intervenção clínica**. Summus Editorial, 2021.

SANTOS, W. J. *et al.* Domestic Violence Against Women Perpetrated by Intimate Partner: Professionals' Social Representations in Primary Health Care / Violência Doméstica Contra a Mulher Perpetrada por Parceiro Íntimo: Representações Sociais de Profissionais da Atenção Primária à Saúde. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, v. 10, n. 3, p. 770-777, 1 jul. 2018. Disponível em: <<https://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/6197>>. Acesso em 30 set. 2023.

SILVA, L. L.; COELHO, E. B. S.; CAPONI, S. N. C. Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 11, p. 93-103, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/icse/a/9SG5zGMVt4VFDZtzbX97MkP/>>. Acesso em 20 out. 2023.

SIQUEIRA, C. A.; ROCHA, E. S. S. Violência psicológica contra a mulher: Uma análise bibliográfica sobre causa e consequência desse fenômeno. **Revista Arquivos Científicos (IMMES)**, v. 2, n. 1, p. 12-23, 2019. Disponível em: <<https://arqcientificosimmes.emnuvens.com.br/abi/article/view/107>>. Acesso em: 10 out. 2023.

SCHRAIBER, L. *et al.* Violência vivida: a dor que não tem nome. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, <v. 7, p. 41-54, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/8RkpfqGrkmNScnzGQkFSXrt/abstract/?lang=pt>>. Acesso em 15 out. 2023.

VASCONCELOS, M. S.; HOLANDA, V. R.; ALBUQUERQUE, T. T. Perfil do agressor e fatores associados à violência contra mulheres. **Cogitare Enfermagem**, v. 21, n. 1, 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/41960>>. Acesso em 20 set. 2023.